



Calidoscópico

E-ISSN: 2177-6202

calidoscopio@unisinis.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Cabral Bastos, Liliana; Miranda de Oliveira, Livia
Aspectos da dinâmica interacional da narração de histórias por pessoas com afasia
Calidoscópico, vol. 10, núm. 2, mayo-agosto, 2012, pp. 194-210
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=571561869001>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica
Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

Lívia Miranda de Oliveira

liviamirandaoliveira@yahoo.com.br

Liliana Cabral Bastos

lilianacbastos@gmail.com

Aspectos da dinâmica interacional da narração de histórias por pessoas com afasia¹

Aspects of the interactional dynamics of storytelling by persons with aphasia

RESUMO – Este artigo investiga aspectos da dinâmica interacional da narração de histórias por pessoas com afasia em uma interação face a face, com o objetivo de compreender como tais pessoas se instauram como narradores. A análise conjuga perspectivas estruturais e interacionais do estudo da narrativa a uma abordagem sociointeracional da dinâmica dos enquadres e *footings*. As narrativas em análise ocorreram em uma interação gerada por meio do método de grupo focal, do qual participaram duas mulheres com afasia e uma das pesquisadoras. A transcrição foi feita de acordo com convenções adaptadas e simplificadas da Análise da Conversa. Por meio da análise de mudanças contínuas de enquadres e da negociação de *footings*, pôde-se observar como as participantes com afasia se inserem nessa dinâmica e de que recursos lançam mão para se posicionarem como narradoras. Observamos que elas marcam coerência tópica entre a fala em curso e a história através de glosas e retomadas de falas anteriores, assim como de concordâncias com avaliações anteriormente emitidas. As finalizações das narrativas são feitas através de codas avaliativas e retomadas do tópico em curso na interação. As falas da pesquisadora se caracterizam pela enunciação de avaliações positivas, pedidos de esclarecimentos e checagem de interpretações de falas anteriores. Com a apresentação desses procedimentos, pretendemos mostrar como as narradoras com afasia expõem a relevância de suas histórias e como, no curso dessas ações, se instauram como narradoras.

Palavras-chave: narrativa, interação face a face, afasia.

ABSTRACT – This article examines aspects of interactional storytelling by persons with aphasia in a face-to-face interaction, focusing on how they construct themselves as narrators. The analysis brings structural and interactional perspectives of narrative analysis together with a sociointeractional approach to frames and footings. The narratives under analysis were produced during a focus group discussion, in which two women with aphasia and one of the researchers participated. The transcription was done using a simplified version of CA conventions. Through the analysis of frame shifting and footings, we observed how participants with aphasia project themselves as narrators. We observed that they introduce stories marking topic coherence between conversation and narrative, as well as through glosses, repetitions of previous talk, and agreements with prior evaluations. The closing of the stories and the shift back to a conversational frame were made through evaluative codas and resuming previous topics. The researcher's speech was marked by the presence of positive evaluations, demands for clarification, and verification of interpretations. In presenting these procedures, we intend to show how narrators with aphasia display the relevance of their stories to the local context and how, in doing so, they construct themselves as narrators.

Key words: narrative, face-to-face interaction, aphasia.

¹ Somos gratas ao CNPq pelo apoio à pesquisa aqui apresentada, através das bolsas de estudos de doutorado, da primeira autora (Proc 140984/2010-0), e de produtividade em pesquisa, da segunda autora (Proc 307075/2009-5).

Introdução

A afasia é tradicionalmente descrita como um distúrbio da linguagem, decorrente de lesão neurológica, em que há comprometimento da expressão e/ou compreensão verbal; ou seja, há afasia quando faltam ao indivíduo, “recursos de produção e interpretação para exercer a linguagem” (Coudry, 2008, p. 32). Buscando melhor compreender tal fenômeno, estudiosos da linguagem e do discurso têm enveredado pelos mais diversos trilhos e perspectivas da linguística, constituindo, assim, um amplo e cada vez mais produtivo campo de investigação, que conta tanto com estudos que se voltam para o déficit linguístico, ou para aquilo que pessoas com afasia não são capazes de fazer com (e através) da linguagem, quanto com estudos que voltam seu foco de interesse para aquilo que pessoas com afasia são capazes de fazer em suas práticas discursivas.

Neste estudo, observamos como pessoas com afasia contam histórias, buscando compreender como se instauram como narradores. As histórias em análise foram produzidas no curso de uma interação face a face, em uma entrevista de grupo focal. Para analisá-las, alinhamo-nos à visão de narrativa como uma construção social, cultural e interacional, conjugando abordagens estruturais e interacionais da análise de narrativas. Voltaremos nosso olhar para os momentos de entrada e saída do universo narrativo, com base em propostas tradicionais dos estudos da narrativa, tais como a perspectiva fundadora de Labov e Waletzky (1967) e a perspectiva interacional de Jefferson (1978), que conjugaremos à abordagem sociointeracional de análise do discurso, utilizando os construtos de enquadre e *footing* (Goffman, 1979; Tannen e Wallat, 1987). Na tradição de autores como Riessman (2008), Ochs e Capps (2001) e Mishler (1986), entendemos que abordagens interacionais e estruturais da narrativa podem ser vistas como complementares, de modo que a articulação de ambas as abordagens nos possibilita compreender não apenas a estruturação das narrativas (i.e., os componentes que compõem as narrativas), mas também características interacionais que permeiam o turno a turno de sua construção.

O presente artigo se organiza da seguinte forma: destacaremos, inicialmente, algumas pesquisas interessadas em afasia, interação e narrativa. A seguir, muito brevemente, apresentaremos os estudos clássicos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) e prosseguiremos trazendo contribuições de perspectivas interacionais para o estudo de narrativas, sobretudo aquelas advindas do trabalho de Jefferson (1978). Apresentaremos, em seguida, alguns aspectos das noções de enquadre e de *footing* (Goffman 1979, 1974; Tannen e Wallat, 1987). Associando, então, *footing* a enquadre, partiremos para a análise de histórias contadas por pessoas com afasia em uma interação face a face.

A pesquisa em afasia, interação e narrativa

Desenvolvidos a partir de abordagens teóricas e metodológicas diversas, estudos voltados para a tríade “linguagem-afasia-narrativa” tratam de diferentes fenômenos linguísticos e discursivos, muitos deles com foco em categorias sintáticas e morfológicas. Pacheco e Pinto (2010), por exemplo, a partir de um referencial enunciativo-discursivo, investigaram características linguísticas presentes em narrativas de uma pessoa com afasia e observaram a desorganização sintática dos enunciados do sujeito analisado como fruto da dificuldade de seleção lexical. Com suporte em Bakhtin (1997), ressaltaram que, apesar de tal dificuldade, o sujeito estudado apresentava narrativas com todas as características próprias do gênero. Nessa mesma vertente de estudos, Brandão e Pinto (2008) analisaram processos de reformulação na narrativa de um sujeito afásico em situações dialógicas, destacando as estratégias linguísticas e gestuais por ele utilizadas para driblar as próprias dificuldades linguísticas.

Já Ulatowska *et al.* (1983) estudaram a competência narrativa de pessoas com afasia, olhando para características sintáticas e discursivas. Os resultados desse estudo mostraram que pessoas com afasia produziram narrativas bem estruturadas dos pontos de vista sintático e discursivo, não obstante as reduções da linguagem quanto à complexidade e à extensão das construções sentenciais, bem como as dificuldades na produção do sumário e na construção do ponto da narrativa. Também elegendo categorias linguísticas para análise, Goodglass *et al.* (1993) investigaram aspectos morfológicos e sintáticos de narrativas de pessoas com afasia e observaram dificuldades quanto ao uso de auxiliares, inflexões verbais, passiva, artigos, verbos principais.

Dentre os estudos mais especificamente voltados para a interação (mas não necessariamente para a narrativa), destacamos pesquisas nas áreas da linguística sociocognitiva (cf. Morato, 2010, entre outros) e da neurolinguística discursiva (cf. Coudry, 2002, entre outros). Em suas pesquisas, tais autores conjugam análises textuais e interacionais, tratando de enunciados e da enunciação (incluindo o sujeito e o contexto da enunciação).

Incorporando a agenda da linguística sociocognitiva, Morato investiga a construção de sentidos via processos de referenciação mobilizados por sujeitos afásicos em *corpus* linguístico-interacionais, elencando instâncias textuais e interacionais para análise e considerando a referenciação como um aspecto importante da visibilidade da relação entre linguagem e cognição. Também elencando categorias textuais e interacionais, a pesquisa de Coudry se volta para os processos de significação que se interpõem na fala, na leitura e na escrita de sujeitos afásicos, de modo a buscar compreender as marcas de subjetividade (e de dessubjetificação) na afasia.

O presente estudo pretende contribuir para aprofundar o entendimento do fenômeno da afasia, considerando o interesse da pesquisa na área tanto por narrativa quanto por interação. Examinando a dinâmica interacional envolvida na inicialização e na finalização da narração de histórias em interações face a face, desejamos agregar mais um modo de se olhar para narrativas de pessoas com afasia. A articulação entre as perspectivas laboviana e interacional do estudo da narrativa nos permitirá observar como se organizam participantes afásicos e não afásicos no trabalho de contar uma história.

O cânone laboviano

Labov e Waletzky (1967) foram os pioneiros nos estudos sobre narrativas no campo da sociolinguística. Os autores lançaram uma proposta de descrição das estruturas fundamentais de versões orais de experiências pessoais, a partir de análises de narrativas geradas em situações de entrevista, nas quais o falante é motivado pela pergunta do entrevistador (*Você já esteve em alguma situação em que sua vida esteve em risco?*) a se engajar em uma atividade narrativa. Nessa abordagem, a narrativa é considerada como uma técnica verbal de recapitulação de experiências passadas; mais especificamente, consiste em uma técnica de construção de unidades narrativas que conecta a sequência temporal dessas experiências.

Para Labov e Waletzky, a narrativa é constituída de *sumário* (apresentação da história ao ouvinte por meio de um breve resumo), *orientação* (composta por orações que orientam o ouvinte em relação aos personagens, ao lugar, ao tempo e à situação da história), *complicação* (a narração do evento, propriamente dita, que compreende uma sequência de enunciados, com verbos no passado simples, temporalmente ordenados), *avaliação* (indica ao ouvinte a importância relativa dos eventos, revelando a atitude do narrador em relação à narrativa, bem como o ponto da história, ou seja, por que ela está sendo contada), *resolução* (finalização da narrativa, que pode seguir ou coincidir com avaliações) e coda (dispositivo funcional que retorna a perspectiva verbal para o presente).

Deve-se ter em conta que tal composição varia quanto ao grau de complexidade e ao número de elementos estruturais presentes em cada narração. A concepção laboviana simplificada de narrativa é aquela que considera que uma narrativa é uma sequência de enunciados que contenha ao menos uma junção temporal; sendo que, como se trata de uma técnica de recapitulação de experiências passadas, o verbo deve estar no passado simples. No caso de apenas uma junção temporal, temos uma *narrativa*

mínima, que consiste, portanto, em uma sequência de duas orações temporalmente ordenadas, de modo que uma mudança em sua ordenação origina uma mudança na sequência temporal da interpretação semântica original (Labov, 1972).

Embora sob a mira de fortes críticas e revisões, as contribuições de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) continuam fomentando estudos atuais de narrativa (cf. Bastos, 2005). Um dos problemas frequentemente apontados diz respeito, justamente, à natureza das narrativas que analisaram: o modelo laboviano se reporta a narrativas produzidas em entrevistas de pesquisa, estimuladas por um entrevistador, que tenta evitar interrupções no curso da narração da história. Além disso, são contadas por um entrevistado prototípico, que conta sua história para ouvintes atentos e ganha o direito de posse da palavra por um longo período. Tal modelo narrativo, típico de situações de entrevista, passou a ser designado como a narrativa canônica laboviana, que contém os elementos acima descritos e é muito comumente contada em um único turno de fala. Já as narrativas que surgem no curso de interações cotidianas, não institucionais, são tipicamente construídas conjuntamente por um narrador que reveza a posse da palavra com os ouvintes. Essa história, por sua vez, mantém ligações com interações prévias e futuras, bem como com outras histórias. Trataremos dessa outra forma de emergência de histórias a seguir, a ela integrando, sempre que pertinente, os elementos do modelo laboviano de narrativa.

Narrativa e interação

Nas interações, histórias emergem em arranjos sequenciais. Conforme argumenta Jefferson (1978), contar histórias pode envolver a elaboração de: (i) um prefácio, através do qual o narrador projeta uma história que está por vir; (ii) um próximo turno, em que o coparticipante se alinha como interlocutor² da história; (iii) um turno seguinte ao do interlocutor, em que o narrador produz a história; e (iv) um turno após a finalização da história, em que o interlocutor da história fala em referência à mesma. Assim, o narrador começa a conquistar seu espaço com o prefácio, visto que, através deste, ele projeta a história que pretende contar. Como sumariza Bastos (2005, p.78),

as histórias que contamos são situadas na sequência conversacional: uma primeira história é diferente de uma segunda; os diferentes prefácios vão suscitar diferentes manifestações dos ouvintes; a presença ou ausência das manifestações dos ouvintes terão impacto nos enunciados do narrador, etc. É nesse sentido que dizemos que as narrativas são necessariamente co-construídas.

² Jefferson se utiliza do termo *recipient*, que traduzimos por interlocutor ou ouvinte, pois o termo recipiente, em português, sugere passividade, o que não condiz com perspectiva de análise aqui adotada.

A esse respeito, Jefferson (1978) destaca que uma história não consiste, necessariamente, em um bloco de fala; a narrativa é construída de segmentos, podendo a fala do interlocutor alternar com a do narrador, como já mencionado. Por outro lado, isso não quer dizer que os turnos do interlocutor serão tão longos quanto os do narrador. A autora propõe que as histórias são localmente ocasionadas e têm implicações sequenciais nas interações em que ocorrem, ou seja, as histórias são desencadeadas e finalizadas nas interações através de dispositivos próprios.

Iniciando histórias na interação

De acordo com Jefferson (1978, p. 220), as histórias que emergem em conversas são localmente ocasionadas devido a dois aspectos:

(a) “uma história é ‘provocada/desencadeada’ no curso de uma conversa turno a turno. Ou seja, algo dito em um momento específico da conversa pode lembrar um participante (falante ou ouvinte) de uma história específica, que pode ou não ser ‘topicamente coerente’ com a fala em progresso;

(b) uma história é metodicamente introduzida na conversa turno a turno. Ou seja, técnicas são utilizadas para exibir uma relação entre a história e a fala anterior, e assim prestar contas e propor a adequação da contação da história.”³

Uma pessoa pode decidir contar uma história em uma conversa quando algum assunto abordado a faz rememorar um evento que ela tenha presenciado, vivenciado ou de que tenha notícia. Tal evento, possivelmente, consiste em algo extraordinário e, portanto, contável nos termos de Labov (1972). Esse algo extraordinário, uma vez narrado, pode provocar no ouvinte a lembrança de algum outro evento que, assim como aquele que acaba de ser narrado, é digno de ser contado. E, para que a coerência tópica da conversa se mantenha, tal evento deverá ser apresentado na conversa de modo a se relacionar com a história anterior. É assim que Jefferson nos faz ver que “a história não é produzida como uma lembrança repentina, mas como contínua à conversa anterior” (Jefferson, 1978, p. 223).

De acordo com Jefferson (1978, p. 224), “existe uma variedade de dispositivos e combinações através dos quais uma história provocada po[de] ser apropriadamente introduzida”. A autora nomeia o elemento da conversa que antecede a história, o qual motivou a contação da mesma, de “desencadeador da história”. Entretanto, para que uma história seja contada durante uma conversa, não basta que o narrador a adeque ao tópico em desenvolvimento: é também preciso que os coparticipantes se alinhem como interlocutores da história (Jefferson, 1978). É através de um prefácio que o narrador negocia a contação de sua história e, uma vez que o ouvinte percebe a intenção do falante, a ele cabe se alinhar ou não como interlocutor.

Jefferson (1978) também nos alerta para a possibilidade de os enunciados do interlocutor, no curso da conversa que antecede a história, sinalizarem seu alinhamento como potencial ouvinte da história. Assim funcionam, por exemplo, os sinais de apreciação/entendimento produzidos pelo interlocutor enquanto a conversa se move em direção à contação da história. Dessa forma, o (futuro) ouvinte, além de motivar o falante a se engajar na narração, sinaliza que possivelmente irá se alinhar como interlocutor. Por outro lado, se a história é contada para um grupo de pessoas, como no caso deste estudo, o alinhamento deve ser negociado com todos os participantes, pois, como destaca Jefferson (1978, p. 227), “o alinhamento desigual de coparticipantes anterior à contação da história parece ter consequências para sua recepção”.

É possível que, em uma interação, após alguém contar uma história, um ouvinte desta conte uma segunda história, que, como tal, deverá apresentar alguma similaridade com a primeira, em termos de tópico ou de papéis dos personagens (Sacks, 1968). Isso significa que a pessoa que conta uma segunda história o faz em resposta a uma primeira, e de modo a tornar a similaridade entre as histórias visíveis (Sacks, 1968). Neste estudo, vamos observar técnicas empregadas no prefácio de segundas histórias para mostrar a relação destas com uma primeira história, quando o elemento desencadeador da segunda história consiste em algo dito na primeira.

Como já indicado, uma pessoa pode contar uma segunda história em referência não apenas à história contada anteriormente, mas também a algum papel exercido pelo narrador da primeira história. Nesse caso, o segundo narrador conta uma história em que assume posição semelhante à do primeiro narrador. Por exemplo, “A” conta uma história em que ele é a vítima de um acidente de carro; em seguida, “B” conta uma história em que ele também é a vítima de um acidente, o qual pode ser de carro ou não. Procedimentos como esse são interacionalmente relevantes, pois a segunda história expõe o entendimento e a receptividade da primeira história por parte de seu narrador.

Vimos assim que, segundo Jefferson (1978), a contação de histórias é elaborada a partir do tópico da conversa, de forma a tornar visível tal relação e em referência à projeção de sua recepção.

Finalizando histórias na interação

Em uma interação, o que o falante diz/faz em um turno é relevante para o que o falante do turno seguinte irá dizer/fazer, ou seja, o que se diz/faz na interação tem necessariamente implicações sequenciais (Jefferson, 1978). Aplicando essa noção em histórias contadas

³ As traduções apresentadas no artigo são de responsabilidade das autoras.

em conversas, temos que a finalização de uma história implica, sequencialmente, no re-engajamento da conversa. Ao término de uma contação de história, espera-se, portanto, que os participantes se re-engajem na conversa que foi suspensa para dar lugar à narração.

Jefferson (1978, p. 228) nos apresenta dois aspectos relacionados à finalização de uma história, que ela considera similares àqueles observados em sua inicialização:

(a) uma história pode servir como uma fonte de conversa subsequente, desencadeada pela própria história ou topicamente coerente com a mesma, e (b) uma gama de técnicas são usadas para exibir a relação entre a história e a fala subsequente — técnicas que fazem com que a história seja implicativa para a fala subsequente e, dessa forma, demonstrem a adequação de terem sido contadas.

Assim como acontece no início, também na finalização a relação da história com a conversa é negociada entre narrador e ouvinte. Nesse sentido, de acordo com Jefferson (1978, p. 229), os ouvintes “irão projetar uma conversa que demonstre a implicatividade sequencial da história e o contador irá buscar formas de evocar conversa da parte do ouvinte, empregando componentes da história como dispositivos de saída da história”. Podemos pensar que, assim como as técnicas que exibem a relação entre a conversa que antecede uma história e a própria história podem ser empregadas no prefácio, as técnicas que exibem a relação entre uma história e a conversa que a sucede podem ser empregadas no seu fechamento. Trazendo, a esse propósito, a perspectiva laboviana da narrativa, seria possível dizer que tais técnicas poderiam ocorrer na resolução ou na coda da narrativa, pois, “com a coda, o narrador pode marcar que a narrativa acabou”, de modo que “esse tipo de fala traz narrador e ouvinte de volta ao presente e à conversa” (Bastos, 2005, p. 5).

A negociação da finalização da história entre o narrador e o ouvinte evita um reengajamento prematuro na conversa; em outras palavras, evita que a conversa se reinicie em um momento no qual ainda exista história por vir. O entendimento do ouvinte de que a história está terminando pode ser sinalizado, por exemplo, através de seu engajamento em uma conversa paralela (Jefferson, 1978). Isso não implica considerar que todas as conversas paralelas no curso de histórias contadas em conversas sinalizem tal entendimento.

Diante de sinalizações de entendimento de finalização (como a conversa paralela), o narrador da história pode sinalizar que a história ainda não terminou, ao apresentar, por exemplo, um próximo componente da história (Jefferson, 1978). Esses componentes adicionais das histórias podem emergir em diferentes situações, em função de uma variedade de contingências.

Vimos, então, que, nas conversas em que emergem histórias, negocia-se o início e o fim da narração por meio de dispositivos de entrada e de saída da história, respecti-

vamente. Nessas negociações ocorrem reconfigurações no arranjo dos participantes da interação, pois, quando se conta uma história, os participantes da conversa passam a assumir as posições de narrador e interlocutor. Embora a história não ocorra em blocos de fala autônomos, ao narrador é dado o direito a turnos mais longos. Podemos também tratar tais reconfigurações, como veremos a seguir, como mudanças de enquadres entre momentos narrativos e não narrativos que estabelecem mudanças de *footings*.

Contar histórias em interações: uma negociação de *footings* e de enquadres

Para dar conta do que acontece no aqui e agora de uma interação, Goffman (1979) introduz a noção de *footing* como um modo de capturar a sinalização do falante de seus status de participação. Essa noção contempla o alinhamento, a postura, a posição e a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção (Ribeiro e Garcez, 2002).

A noção de *footing* é introduzida como um desdobramento do conceito de enquadre (Goffman, 1974), que consiste em princípios organizacionais e interacionais pelos quais as situações são definidas e sustentadas pelos participantes. O autor utiliza o termo enquadre para se referir aos elementos básicos que somos capazes de identificar em uma dada situação, através dos quais organizamos nossas experiências. Para Goffman, a definição da situação responde à pergunta “o que está acontecendo aqui e agora?”. O autor entende que, nas interações face a face, estamos sempre nos realinhando em relação aos interlocutores e ao que está sendo dito. Nessa linha, afirma que “uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução” (Goffman 1979, p. 113).

Na trilha aberta por Goffman 1979, Tannen e Wallat (1987) discutem as relações que os falantes vão estabelecendo entre si no curso de uma interação. Remetem à noção de *footing* para explicar como as pessoas enquadram os eventos, e também entendem que a noção de enquadre se relaciona à percepção de qual atividade (verbal e não verbal) é encenada. Na análise de uma consulta médica, mostram como se sucedem diferentes enquadres e *footings* na interação, isto é, como os participantes (médica, mãe, paciente e residentes) entendem o que está acontecendo como um exame médico, uma aula ou uma conversa social. As autoras estabelecem, também, uma distinção entre a noção dinâmica e interativa de enquadre e a noção de esquemas, de natureza mais cognitiva, que remete às expectativas que trazemos para cada situação de interação.

Se estamos engajados em uma conversa – em que os turnos de fala costumam ser breves e a troca de falantes não demora a acontecer – e resolvemos contar uma história, cabe-nos negociar com os nossos parceiros conversacionais o direito a um turno de fala mais longo que o habitual em trocas conversacionais (Bastos, 2005). Esse novo arranjo interacional implica na configuração de diferentes *footings* entre os participantes. Assim considerando, esse processo de negociação de um espaço para narrar constitui-se em um processo de negociação de *footings*.

O sucesso na negociação do espaço para narrar implica em uma mudança na dinâmica interacional, uma vez que a pessoa que conta a história se alinha como narrador, tendo tipicamente direito a turnos mais longos, ao passo que aqueles que a escutam se alinham como interlocutores, ratificando o status de ouvintes ao manifestarem atenção à história e ao formularem, em seus turnos, respostas de acompanhamento (“mm” e “ahm ram”, por exemplo), bem como pedidos de esclarecimentos ou comentários (Bastos, 2005).

Um olhar para tal situação, informado por uma perspectiva interacional, identifica uma mudança de enquadre, a qual implica uma reconfiguração dos *footings* até então assumidos, uma vez que ocorre uma alteração nos papéis dos participantes. Da mesma forma, na finalização da narração, há uma alternância de enquadre (do mundo da narrativa para o mundo do aqui e agora), reconfigurando *footings*. Afinal, é em relação aos enquadres – ou seja, àquilo que está acontecendo no *aqui e agora* da interação – que os participantes se organizam tendo em vista o que irá acontecer num segundo instante (Ribeiro e Hoyle, 2002). No decorrer da análise de enquadres que se segue, usaremos a expressão enquadre de conversa (em contraste enquadre de narração), para tratar desses momentos da interação em que os turnos são breves e as trocas de falantes são constantes. Embora estejamos examinando uma interação institucional, de um grupo focal (e não de uma conversa cotidiana), tal nomeação nos pareceu útil para tratar desses momentos.

Quando se instaura um enquadre de narração (operante em diversos momentos da interação aqui analisada), temos a seguinte configuração de *footings*: um participante da interação em curso se alinha como narrador e os demais se alinham como interlocutores da história e conarradores. Todavia, deve-se ter em conta que a projeção de uma dada atividade discursiva (narração) por uma das partes pode ter como resposta a adoção ou o abandono dos *footings* até então assumidos (narrador, ouvintes da história). Os *footings*, então, são interacionalmente contingentes, ao invés de pré-determinados, consistindo em categorias flutuantes na interação.

Os *footings* dos participantes são sinalizados na maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção das elocuições. Para dar conta disso, Goffman

reexamina as noções clássicas de falante e ouvinte, as quais encobrem nuances relevantes para a análise da interação, abordando a complexidade das relações discursivas presentes na estrutura de produção (relativa ao falante) e na estrutura de participação (relativa ao ouvinte) (cf. Goffman, 1979). No presente estudo, no entanto, não trataremos em detalhe desses aspectos da teorização sobre *footing*. Para os propósitos de nossa análise, importa entender que, nos *footings*, estão envolvidos movimentos de reciprocidade: no contexto deste artigo, veremos como, ao assumir o *footing* de narrador, o participante que ocupa a posição de falante projeta o *footing* recíproco (ouvinte) para o interlocutor endereçado.

Em uma interação, quando cedemos a palavra, assumindo o *footing* de ouvinte, fica-nos garantida a expectativa de reingresso no mesmo *footing* em que a deixamos. Podemos, com isso, melhor entender o alternar da organização da sequência de turnos, bem como o transitar da fala do *aqui e agora* para o mundo da narrativa e o retorno deste para o *aqui e agora* da interação; ambas as transições aqui analisadas como mudanças de enquadres. Afinal, parece que os falantes se realinham (mudam de alinhamento) em uma interação quando sentem necessidade de reajustar seu status de participação projetado (Gavruseva, 1995).

Histórias contadas por pessoas com afasia: emergência situacional e implicações sequenciais

Na análise que se segue, conjugaremos o modelo laboviano do estudo de narrativas a uma perspectiva interacional (fundamentada sobretudo em Jefferson, 1978), na tradição de autores como Tannen, 1984, Mishler, 1986, Riessman, 1993, Ochs e Capps, 2001 e Norrick, 1998. Buscaremos compreender a dinâmica interacional da narração de histórias em uma interação face a face – sua emergência e desdobramento, bem como a finalização do processo de construção conjunta de tais histórias –, voltando o foco das observações para os *footings* negociados e para os enquadres que se estabelecem, a fim de entender como pessoas com afasia se instauram como narradores. Levando-se em consideração que é no movimento de iniciação de uma história que temos iluminada a projeção do *footing* de narrador, sustentado e partilhado no curso da narração da história até sua finalização, a análise aqui realizada será conduzida pelas seguintes perguntas: *Como podemos entender a dinâmica interacional da iniciação e a finalização da narração de histórias por pessoas com afasia quando olhamos para os footings dos participantes da interação? Como pessoas com afasia se instauram como narradores em situações interacionais?*

Aspectos metodológicos e contextualização dos dados

A interação que será analisada faz parte de um *corpus*⁴ composto por gravações em vídeo de interações em grupo focal entre pessoas com e sem afasia, transcritas de acordo com convenções de transcrição simplificadas da tradição da Análise da Conversa (ver Anexo 1).

As participantes da interação em análise são duas mulheres com afasia, que não se conheciam antes de os encontros semanais do grupo terem início, identificadas pelos pseudônimos Laura (37 anos) e Tereza (45 anos), acometidas por Acidente Vascular Cerebral (AVC) um e sete anos antes da realização dos encontros, respectivamente. Além de Laura e Tereza, participou da interação sob análise Livia, pesquisadora e primeira autora deste artigo. Laura e Tereza eram pacientes do ambulatório de neurologia do Hospital Universitário da UFJF e, a convite da pesquisadora (Livia), e após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), passaram a participar do grupo constituído para geração de dados. Os encontros aconteceram semanalmente, às sextas-feiras, no período de janeiro a abril de 2007, em um laboratório devidamente equipado para gravações em vídeo, pertencente ao Instituto de Ciências Humanas da UFJF. O corpus assim gerado tem aproximadamente 15 horas de gravações, que contaram com a participação regular de três mulheres com afasia (Tereza e Laura, acima caracterizadas, e Carla, que não participou do encontro analisado) e visitas de uma psicóloga, uma fonoaudióloga, um fisioterapeuta e um paciente do ambulatório de neurologia do HU-UFJF que apresentava afasia.

O critério de seleção das participantes para a pesquisa se limitou ao diagnóstico médico (neurológico) de afasia, sequela do AVC por elas sofrido e consistindo em um comprometimento da linguagem verbal. No caso específico das participantes dos encontros, tal comprometimento diz respeito à produção do discurso, estando suas capacidades de compreensão preservadas.

No que diz respeito à fala das participantes, no caso de Laura, há enunciados desorganizados do ponto de vista sintático, bem como utilização de gestos como recursos alternativos de significação (cf. Coudry, 2008). No discurso de Tereza, há pausas longas (não mensuradas neste estudo) no fluxo da enunciação, às vezes precedidas por prolongamentos de vogal, o que sugere dificuldade de encontrar a palavra pretendida para construção do enunciado. Além da ocorrência acentuada de tais pausas e prolongamentos de vogal e da presença de recursos gestuais para expressão, também pode ser observada a

ocorrência acentuada de autorreparos, o que pode estar vinculado a dificuldades de estruturação de enunciados.

Denominamos o segmento aqui selecionado para análise de “conversa sobre filhos”⁵, em função não apenas do tópico sobre o qual se fala, mas também da semelhança que apresenta com sistemática de troca de turnos que opera em conversas cotidianas. Tal segmento ocorreu no início do segundo encontro entre as participantes Laura e Tereza, quando Laura falava sobre seu relacionamento com o pai de seus filhos e sobre o fato de ter decidido se separar dele e criar seus filhos longe do pai, por acreditar que, dada a vida irregular e ilegal deste último, essa era sua melhor opção. Após justificar tal decisão, Laura se engaja na interação em análise, em que ela, ao falar do comportamento do seu filho, permite-nos, como veremos, interpretar sua opção como bem-sucedida.

É interessante observar, por fim, que “a conversa sobre filhos” aqui analisada, quando de sua ocorrência, consistiu em um desvio do tópico da agenda investigativa, dado que a proposta da pesquisadora para o encontro era discutir temas relacionados ao AVC sofrido pelas participantes, assim como suas sequelas. Tal desvio, no entanto, foi possibilitado pelo próprio método de geração de dados – grupo focal –, o qual abre espaço para a flexibilidade em relação à condução da entrevista. Segundo Morgan (2002), uma das razões para a crescente popularidade do método entre os cientistas sociais, desde a década de 1980, é justamente a abertura para encorajar o grupo a interagir livremente, mesmo que no contexto de uma discussão centrada em um tópico definido. No encontro em pauta, que se estendeu por aproximadamente duas horas, a flexibilidade na agenda de pesquisa permitiu que as participantes contassem histórias sobre seus filhos, suas preocupações e suas vaidades.

Emergência situacional e implicações sequenciais das histórias

Primeiramente, apresentaremos uma história que emergiu na “conversa sobre filhos”, na qual Laura está falando sobre seu filho com Livia e Tereza – Excerto 1. Em seguida, apresentaremos uma segunda história, contada por Tereza, como espelhamento da escuta da primeira história, contada por Laura – Excerto 2. Por fim, apresentaremos uma outra história contada por Tereza no curso dessa mesma interação e desencadeada por elementos daquela que a antecede – Excerto 3. No curso de toda a análise, estaremos olhando para a iniciação (emergência local) e para a finalização (implicatividade sequencial)

⁴ O *corpus* foi gerado para a pesquisa de mestrado da primeira autora deste artigo, intitulada *A coconstrução de identidades em interações face a face entre pessoas com e sem afasia de expressão* (UFJF, 2008).

⁵ O segmento se encontra, na íntegra, em anexo.

Excerto 1: Laura contando a história inicial – “puxou nada.”

01 Laura: oh, meus filhos, o roberto (.) é: (.) junior (.)
 02 trabalha (.) três anos. (.) trabalha. ... começou é
 03 é: treze anos.
 04 Livia: novi::[nho, né?]
 05 Laura: [hunrum::]hunrum e:: tudo é:: – eu não compro
 06 nada nada, o:: – eu chamo de beto. (.) o beto
 07 compra tudo (.) e:: e:: também (.) irmã dela – irmã
 08 do:: é:: ... minha filha também, ajuda é:: em
 09 casa né? o:: be-to também ajuda a luana.
 10 Livia: (que bom isso.)
 11 Tereza: não puxou nada do pai.
 12 Livia: é.
 13 Laura: puxou nada. oh semana que vem – oh: semana passada,
 14 o: meu filho é:: – levou a bicicleta dele. ladrão.
 15 do meu filho. o:: – as pessoas falou “você (.)
 16 não reagiu?” reagiu não. o beto falou assim oh
 17 “bandido. (.) eu nunca é:: ... de bandido, reagir?
 18 nunca.” o: o: meu filho falou assim oh (.) “pai
 19 é::” – “filho. filho, né? o devanildo e o celsinho.”
 20 e o:: roberto, pai dele, não considera. um bandido.
 21 Livia: hunrum:: não considera ele como pai?
 22 Laura: não. é:: não. é:: não assim: ... não lem::bra do
 23 pai.=
 24 Livia: = ah, ele não lembra do pai?=
 25 Laura: =não. o:: o:: rober – “você filho de bandido, roubou
 26 a bicicleta,”
 27 Livia: leva[RAM a bicicleta] do seu filho?
 28 Laura: [hanram. hanram.] é:: falou assim o::(.) ()
 29 falou assim oh “ ir atrás. você filho de:
 30 BAN– é:: (.) traficante. =
 31 Livia: = falaram isso com ele?
 32 Laura: hunrum. hunrum.
 33 Livia: coitado né? ele fica pagando pelo pai.
 34 Laura: hunrum.
 35 Livia: e ele falou o quê?
 36 Laura: “não. eu não considero.”
 37 Livia: olha. não considera como [pai?]
 38 Laura: [não.](.) falou assim oh
 39 Livia: ()
 40 Laura: falou assim oh “eu é:: melhor eu roub – é:: sendo
 41 vítima, que:: eu desgosto a mãe, porque eu
 42 rouban::do.”
 43 Livia: a:: com certeza. ele tem uma cabeça boa, “melhor eu
 44 ser vítima e ser roubado do que eu dar um desgosto
 45 à minha mãe.” né? =
 46 Laura: = oh:: oitocentos reais, é:: (.) vale a bicicleta
 47 dele. o:: o:: cara, trocou, na boca de fu::mo,
 48 cinquenta reais. safado né?
 49 Livia: você ficou sabendo? [()]
 50 Laura: [hunrum.(.)] meus irmã::os, e::
 51 meus primos, atrás do cara. não conseguiu é::
 52 recuperar não. o be::to [o] =

- 53 Lívia: [()]
 54 Laura: = o beto assim, meu filho, é:: triste pra caramba.
 55 Lívia: ele é triste por causa do pai?
 56 Laura: não. é:: roubou =
 57 Lívia: = por causa da bicicleta?
 58 Laura: ((movimenta a cabeça para cima e para baixo
 59 sinalizando afirmação))
 60 Lívia: a:: é::.

das histórias, com o objetivo de observar negociações de *footings* que revelem as construções das participantes como narradoras.

No segmento acima, Excerto 1, Laura fala sobre seu filho e suas atitudes, ao passo que Lívia, no *footing* de participante da interação, produz avaliações⁶ a respeito das atitudes do filho de Laura. Nas linhas 01-03, quando Laura fala que seu filho trabalha desde os treze anos (“junior (.) trabalha (.) três anos (.) trabalha. ... começou é é: treze anos.”), Lívia profere “novi::[nho, né” no turno seguinte. Em seguida, nas linhas 06-09, Laura comenta que é seu filho o responsável pelas despesas da casa, e que sua filha também ajuda a sustentar a casa (“eu não compro nada nada o:: – eu chamo de beto (.) o beto compra tudo (.) e:: e:: também (.) irmã dela – irmã do:: é:: ... minha filha também ajuda é:: em casa né”), e Lívia, no turno seguinte, linha 10, faz uma avaliação (“que bom isso”). Tereza, na linha 11, também assumindo o *footing* de participante da interação, assim como Lívia, produz uma avaliação (“não puxou nada do pai.”).

Como podemos observar, o enunciado que Tereza proferiu, com base no conhecimento compartilhado entre elas acerca das atividades ilegais e criminosas do pai do filho de Laura, na linha 11, consistiu no *desencadeador da história* (cf. Jefferson, 1978) que Laura começa a contar no turno da linha 13. Valendo-se do que poderemos considerar uma *técnica de entrada na história* (cf. Jefferson, 1978), Laura repete parte do enunciado de Tereza (“puxou nada.”), concordando com a avaliação desta última. A seguir, enuncia o “marcador de disjunção ‘oh’” (cf. Jefferson, 1978) e começa a contar uma história. Tal história se inicia com uma orientação, que situa a história no tempo (“semana passada,”) e apresenta as personagens (“meu filho é: – levou a bicicleta dele. ladrão.”) em um *sumário*. Por um lado, o marcador de disjunção “oh” sinaliza a transição do enquadre conversa para o enquadre narração. Por outro, a repetição (“puxou nada.”), que antecede tal marcador, localiza o elemento que desencadeou a história,

ao mesmo tempo em que prefacia o que virá, sinalizando como a história deverá ser compreendida: meu filho é bom, é trabalhador, não é bandido (como o pai).

Assumindo o *footing* de narradora, nas linhas 13-56, Laura fornece exemplos da conduta de seu filho que corroboram a avaliação de Tereza (a respeito de seu filho), sustentando a relação da história com as falas que a antecederam. Na linha 17, Laura, ao reportar a fala de seu filho (““bandido (.) eu nunca é:: ... de bandido reagir? nunca.””), reafirma a oposição entre seu filho e bandidos (como seu pai).

Na linha 20, Laura enuncia “e o:: roberto, pai dele, não considera. um bandido.”). A essa fala, Lívia, na linha 21, reage assumindo o *footing* de interlocutora da história ao demonstrar entendimento (“hunrum::”) e solicitar confirmação (“não considera ele como pai”), incentivando Laura a prosseguir com a história. Tal ação de Lívia é realizada subsequentemente a um turno composto por enunciados com problemas de estruturação sintática (“o: o: meu filho falou assim oh (.) “pai é::” – filho. filho, né o devanildo e o celsinho e o:: roberto, pai dele, não considera. um bandido.”). Lívia, envolvida na interação e certamente preocupada em não colocar em risco a construção da intersubjetividade, faz a solicitação de confirmação de interpretação em análise. A recorrência de ações como essa por parte de interlocutores, como poderá ser observado no curso da análise, possivelmente se constitui como uma peculiaridade da dinâmica interacional da narração de histórias por pessoas com afasia.

Nas linhas 22 e 23, Laura faz um reparo⁷ ao comentário de Lívia (“não. é:: não. é:: não assim: ... não lem::bra do pai=”), ação esta que sinaliza uma tentativa de sustentação da intersubjetividade da parte de Laura, não obstante suas limitações linguísticas. A fala de Laura poderia, provavelmente, ser glosada como “Não é isso que estou querendo dizer. O que eu quero dizer é que ele não se lembra do pai”. O discurso de Laura pode ser interpretado dessa forma se levarmos em consideração

⁶ Avaliação no sentido empregado por Pomerantz (1984), uma vez que são avaliações produzidas pelo interlocutor, e não pelo narrador, como as avaliações referidas por Labov.

⁷ Sobre reparo na fala em interação de pessoas com afasia, ver Gonzalez (2005), e sobre reparo na fala-em-interação em português brasileiro, ver Loder *et al.* (2002).

a informação, anteriormente fornecida, de que seu filho foi por ela afastado do pai desde bebê.

Após Livia realizar uma elaboração do enunciado de Laura e, ao mesmo tempo, verificar seu entendimento da reformulação de Laura na linha 24 (“ah, ele não lembra do pai?”), Laura, na linha 25, recorre novamente ao discurso reportado para continuar sustentando o *footing* de narradora. Neste trecho, temos, portanto, as falas da narradora e da interlocutora da história se alternando na construção da mesma, demonstrando, por um lado, que histórias usualmente não se configuram como um bloco de fala, sendo constituídas de segmentos (cf, Jefferson, 1978), e, por outro, que as produções da narradora demandam clarificações, elaborações e outras ações que visam à manutenção da intersubjetividade da interação.

Conforme podemos observar, a história é construída colaborativamente: Livia assume o *footing* de interlocutora e produz solicitações de esclarecimento e entendimento (“ele não lembra do pai?” – linha 24; “leva[ram a bicicleta do seu filho”, linha 27; “falaram isso com ele?” linha 31), e avaliações (“coitado né ele fica pagando pelo pai”, linha 33; “a com certeza ele tem uma cabeça boa” – linha 43). Tais ações revelam o caráter

colaborativo da construção da narrativa de Laura. Diante das manifestações do comprometimento linguístico de Laura, as ações de Livia operam no sentido de tornar a narrativa de Laura mais clara, de modo que ela (Laura) possa se sustentar no *footing* de narradora, mantendo o enquadre de narração.

Então, por um lado, a fala de Livia funciona como um dispositivo que sustenta tanto Laura no *footing* de narradora quanto a si própria no *footing* de interlocutora, pois mostra seu interesse na história que Laura está contando, motivando-a a prosseguir. Por outro, as produções de Livia se somavam às de Laura na construção de uma história inteligível.

Nas linha 46-48, com o marcador de disjunção “oh”, seguido de uma coda avaliativa (“oh:: oitocentos reais, é:: (.) vale a bicicleta dele o:: o:: cara, trocou na boca de fu::mo, cinquenta reais safado né?”), Laura retoma a temática central do mundo da história (o roubo da bicicleta), ao mesmo tempo que trabalha sua saída da narração. Tanto a coda, quanto o pedido de concordância em relação à sua avaliação do ladrão do filho (com a expressão interrogativa “né”) funcionam como *técnicas de saída da história* (Jefferson, 1978). Laura promove, dessa forma, uma mudança de enquadres (de narração para conversa).

Excerto 2: Tereza contando uma segunda história – “olha aí a bicicleta”.

- | | | |
|------|---------|--|
| → 46 | Laura: | = oh:: oitocentos reais, é:: (.) vale a bicicleta |
| 47 | | dele. o:: o:: cara, trocou, na boca de fu::mo, |
| → 48 | | cinquenta reais. safado né? |
| 49 | Livia: | você ficou sabendo? [()] |
| 50 | Laura: | [hunrum.(.)] meus irmã::os, e:: |
| 51 | | meus primos, atrás do cara. não consegui é:: |
| 52 | | recuperar não. o be::to [o] = |
| 53 | Livia: | [()] |
| 54 | Laura: | = o beto assim, meu filho, é:: triste pra caramba. |
| 55 | Livia: | ele é triste por causa do pai? |
| 56 | Laura: | <u>não</u> . é:: roubou = |
| 57 | Livia: | = por causa da bicicleta? |
| 58 | Laura: | ((movimenta a cabeça para cima e para baixo |
| 59 | | sinalizando afirmação)) |
| 60 | Livia: | a:: é::. |
| → 61 | Tereza: | ela tá falan- ela tá falando que vendeu a |
| 62 | | bicicleta dele, por cinquenta reais, e o valor dela |
| 63 | | era de oitocentos, é:: a minha irmã mora lá no |
| 64 | | (.) o meu cunhado, às vezes ele fala assim, “é: |
| 65 | | lá perto de casa, passa um pessoal vendendo, <u>olha</u> |
| 66 | | só o chinelo que eu comprei, por <u>tanto</u> . este chinelo |
| 67 | | caro. muito caro.” aí eu peguei e falei assim, |
| 68 | | “você não deve de comprar, (.) porque você não sabe |
| 69 | | se é – você sabe que é ca:ro (.) é:: e a pessoa tá |
| 70 | | vendendo por este preço, é porque <u>provavelmente</u> |
| → 71 | | roubou.” olha aí a bicicleta. |

→ 72	Laura:	= nossa, meu filho, é: é: triste pra caramba, meu
73		filho [()]
74	Lívia:	[ele tinha acabado de ganhar?
75	Laura:	<u>não</u> . comprou. ()
76	Lívia:	[()]

Tal mudança de enquadre conduziu a uma reconfiguração dos respectivos *footings*, pois, na linha 48, ao proferir “safado né?” com entonação ascendente, Laura está, simultaneamente, abandonando o *footing* de narradora e selecionando Lívia como próxima falante, pois tal avaliação é direcionada a Lívia, acrescida da expressão interrogativa “né?”. Lívia, por sua vez, aceita o convite para reengajamento no enquadre conversa ao estender o assunto e voltar a assumir o *footing* de participante. Nesse enquadre, são ainda proferidos enunciados relativos ao mundo da narrativa: nas linhas 51 e 52, Laura acrescenta que seus familiares tentaram, mas não conseguiram recuperar a bicicleta (“meus irmã::os, e:: meus primos, atrás do cara. não consegui e:: recuperar não.”), e, na linha 54, enuncia uma nova avaliação (“o Beto assim, meu filho, é:: triste pra caramba”).

Após alguns turnos de fala, com novas solicitações de esclarecimento de Lívia (linhas 49, 55 e 57), há uma volta à narração, como vemos no Excerto 2.

No Excerto 2, Tereza, na linha 61, apresenta uma glosa da fala de Laura (“ela tá falan – ela tá falando que vendeu a bicicleta dele, por cinquenta reais, e o valor dela era de oitocentos,”) e, sem passar o turno para os outros participantes, inicia sua história. Podemos entender essa glosa como uma *técnica de entrada na história*, que, ao estabelecer a relação com o que virá, funciona como um prefácio da narrativa que se segue. Ou seja, um elemento da primeira história (produtos de valor serem roubados e vendidos a preço baixo) desencadeia a segunda história.

Após apresentar o prefácio, Tereza, nas linhas 63 e 64, faz referência ao lugar em que se passou o evento que ela irá narrar (“a minha irmã mora lá no()”) e ao personagem da história (“o meu cunhado, às vezes ele fala assim,”). Diante dessa orientação – a primeira etapa de uma narração quando o sumário está ausente (cf. Labov, 1972) –, podemos considerar que Tereza obteve sucesso na negociação da contação de sua história, visto que Lívia e Laura se mantiveram em silêncio, assumindo o *footing* de ouvintes, e ela pôde iniciar a narração. A história de Tereza, como observamos, apresenta relevância tópica, uma vez que espelha a história anterior ao também se referir a um caso de venda de objetos roubados. Nesse sentido, podemos considerar que a história de Laura, ou, mais especificamente, a menção ao objeto roubado no início, provavelmente foi o que provocou a narrativa de Tereza.

Após a orientação, Tereza conta sua história sobre a venda de produtos roubados basicamente através de diálogos relatados. Sua história é finalizada com o emprego de uma *técnica de saída da história*, na linha 71 (“olha aí a bicicleta.”), que pode ser entendida como uma coda e que reitera a relevância de sua história, ao mostrar novamente sua relação com a primeira história. Observe-se, a propósito dessa coda, que nem Lívia nem Laura fizeram nenhum comentário a seu respeito – trata-se do tipo de saída que Jefferson (1978) chama de dramática, isto é, sem o esperado comentário final dos interlocutores.

Embora, por um lado, a saída da história de Tereza se configure como dramática, por outro, na linha 72, o enunciado de Laura “nossa° meu filho, é: é: triste pra caramba” sinaliza o reconhecimento da proposta de coda, pois ela se reengaja no enquadre conversa, que fora suspenso pela emergência da história de Tereza. Por meio da técnica utilizada para saída do mundo da história (vinculação da primeira história com a segunda), Tereza propõe um retorno ao tópico “roubo da bicicleta”, no qual Laura se engaja, no turno seguinte. Diante disso, podemos considerar que foi a ação de Tereza o que levou Laura e Lívia a reestabelecerem o enquadre conversa, reengajando-se no *footing* de participantes.

Novamente, o retorno ao enquadre de conversa se estendeu apenas por um breve período, pois, alguns turnos após tal retorno, a própria Tereza conta uma outra história, como veremos no Excerto 3.

Essa história é topicamente coerente com a interação em andamento, que, como já vimos, trata de como são bons os filhos de Laura. Houve uma primeira história que reforça essa posição, se entendermos que a narrativa do roubo da bicicleta pretende funcionar como uma evidência de que o Beto (filho de Laura) não é bandido. A segunda história emerge quase como uma digressão desse tópico, pois se atrela a um dos elementos da primeira história, a venda de produtos roubados. Na sequência da segunda história, há uma retomada do tópico central da interação, que se organiza da seguinte forma: turnos de Laura apresentando as qualidades de seu filho, seguidos pelos turnos de Lívia, elogiando-o em virtude de suas qualidades. Essa sequência provavelmente foi o que levou Tereza a contar uma história que envolvia seu filho.

Diante disso, Tereza começou a reivindicar para ela um *footing* de narradora, logo, alocando as participantes no *footing* de interlocutoras. Na linha 102, ela

Excerto 3: Tereza contando uma outra história – “aqui:: é:: o:: ela tá falando do filho dela”.

- 77 Laura: [oh: o:: be::to, é:: às vezes,] me ajuda, com
78 remédio, fi-si-o-te-ra-pi::a, o beto pagava todo
79 dia é:: (.) – o beto é:: (.) hospita::l, deixava
80 fruta, é:: doces, bombom, =
81 Lívia: = que filho excelente, né? =
82 Laura: = hanram. ((movimenta a cabeça para cima e para
83 baixo sinalizando concordância))
84 Lívia: é um presente ter um filho assim. =
85 Laura: = e o beto não me falou nada, com medo de pa – é:
86 eu, passar mal.
87 Lívia: ()
88 Laura: hanram.
89 Lívia: isso é pra poucas mães, tá vendo? cada uma – às
90 vezes – você foi presenteada, né? [com seu] filho,
91 Laura: [hanram.]
92 Lívia: tem filho, tem filho, que não tá nem aí pra [mãe.]
93 Laura: [a::]
94 luana também. nossa, e como.
95 Lívia: quantos anos ele e ela?
96 Laura: a:: luana quinze, e dezesseis o beto. beto, eu
97 prefiro assim, beto. porque:: roberto =
98 Lívia: = lembra o:: (.) o pai =
99 Laura: = hanram. o beto também é:: falou assim oh,
100 “melhor é:: beto.”
101 Lívia: ((sorri)) ()
→ 102 Tereza: aqui:: é:: o:: ela tá falando do filho dela, ontem,
103 meu filho chegou em casa, eu tava: é:: pent –
104 escovando meu cabe::lo, (.) a minha filha tinha
105 pintado pra mim. =
→ 106 Lívia: = eu vi:: ficou bonito. =
107 Tereza: = aí eu tava escovan:do, aí – arrumando meu
108 cabelo, aí quando eu entrei no quarto, troquei de
109 roupa, arrumei, aí meu filho chegou e tava só
110 olhando pra mim. isso era umas nove horas. ele, “ô
111 mãe, por que você tá arrumando assim?” ele. “eu vou
112 sa-“ eu falei pra ele “eu vou sair.” ele, “você vai
113 sair com quem?
→ 114 Lívia: olha.
115 Tereza: aí:: porque o pai dele tava trabalhando. (.) ele,
116 “com quem você vai sair mãe? com quem? fala com
117 quem você vai sair.”
118 Laura: [((sorri))]
119 Lívia: [((sorri))]
→ 120 Tereza: [((sorri))] aí eu tava contando pro pai dele, mas
→ 121 ele riu tanto dele. é porque ele tinha me ligado
122 falando “tereza, arruma que eu vou te pegar pra
123 gente sair.” falei, “ta bom.” aí tá eu arrumando.
124 arrumando cabelo, aí:: tomei banho, e’:: troquei
125 de roupa. aí ele, “mãe aonde você vai? com quem
126 você vai sair mãe? fala.” foi lá na porta e tirou
127 a ch – trancou e tirou a chave ((sorri))
128 Lívia: ((sorri))
→ 129 Tereza: ((sorri)) eu ri dele.

apresenta o prefácio da história que pretende contar, empregando a mesma *técnica de entrada na história* anteriormente utilizada por ela (“ela tá falando do filho dela”), ou seja, ela remete ao tópico da interação em curso para justificar a relevância de sua história naquela sequência. Desse modo, Tereza sinaliza que a história que ela pretende contar tem relação com o tópico da interação até então em curso (falar dos filhos e de suas qualidades).

Tereza, então, na linha 102, prossegue com a história, apresentando a orientação (“ontem, meu filho chegou em casa, eu tava: é:: pent- escovando meu cabe::lo”), a partir da qual ela faz menção ao tempo e ao lugar onde se passa a história, e às personagens. Lívia, na linha 106, suspende brevemente o enquadre estabelecido por Tereza ao fazer um elogio (“eu vi:: ficou bonito”); contudo, ao mesmo tempo, a ação de Lívia a aloca no *footing* de interlocutora da história, pois funciona como uma apreciação quanto ao tópico e como um incentivo para Tereza prosseguir com a narração. Tereza, por sua vez, continua a contar a história, cuja organização sequencial inclui uma outra alternância de turno entre ela e Lívia na linha 114, quando Lívia profere “olha”, que podemos entender como uma outra apreciação da história de Tereza. As ações de Lívia, no enquadre de narração, ratificam seu novo *footing* de interlocutora da história, bem como o *footing* de Tereza como narradora. Ao mesmo tempo, como vimos, tais ações se configuram como ações colaborativas (de caráter incentivador) quanto à construção da narrativa.

No curso da narração, o enunciado de Tereza na linha 120 (“aí eu tava contando pro pai dele, mas ele riu tanto dele”) pode ser interpretado como uma coda, e também como uma *técnica de saída da história*, uma vez que, ao sair do mundo da história para fazer um comentário, ela abandonou o *footing* de narradora. Todavia, nesse caso, podemos considerar que o enquadre de narração foi apenas temporariamente (até mesmo brevemente) suspenso, pois, nas linhas 121-127, Tereza retoma o *footing* de narradora, ao adicionar informações novas relevantes para a compreensão do evento em pauta (linhas 121-123: “ele tinha me ligado falando “tereza, arruma que eu vou te pegar pra gente sair” falei, “tá bom.””; linhas 126-127: foi lá na porta e tirou a cha- trancou e tirou a chave”). Observe-se que essa introdução tardia de informações se faz, por sua vez, como uma pequena história que em muito contribui para construir a ‘graça’ da história.

Na linha 129, ao proferir “eu ri dele.”, Tereza promove uma nova mudança de enquadre (de narração para conversa). Seu enunciado apresenta uma *resolução* que também pode ser analisada como uma *técnica de saída da história*. Nesse momento, ela está reestabelecendo o enquadre de conversa, abandonando o *footing* de narradora.

A análise das três narrativas nos mostra como se seguem, na interação, mudanças de *footings* e de enquadres promovidas por pessoas com afasia, operando com técnicas de inicialização e finalização de narrativas. É nesse movimento que Laura e Tereza se constroem como narradoras ou interlocutoras de histórias.

Considerações finais

A abordagem da narrativa como uma prática social situada na interação nos permitiu observar que contar uma história envolve mais do que ordenar temporalmente uma sequência de orações de acordo com padrões estruturais canônicos. Nessa perspectiva, examinamos como pessoas com afasia se instauram como narradores em interações face a face, considerando dados gerados em reuniões de grupo focal.

Vimos como se dá o movimento interacional de transição do enquadre de conversa para o enquadre de narração, e deste para o enquadre de conversa. Vimos que tais mudanças de enquadres não se dão aleatoriamente, mas que, ao contrário, há uma implicatividade sequencial envolvida na emergência de histórias (Jefferson, 1978), uma vez que as histórias não ocorrem de modo solto nas interações, mas, ao contrário, sinalizam sua relevância para o que está ocorrendo no aqui e agora da interação. Uma primeira história ocorre diferentemente de uma segunda história e de uma terceira.

Foi possível observar como pessoas com afasia se instauram como narradoras, lançando mão de técnicas de entrada e saída da história, e assim conquistando espaço para iniciar e finalizar narrações. Observamos a ocorrência das histórias na sequência da interação, isto é, como aí se faz a implicatividade sequencial. Vimos como Laura se utiliza de uma concordância com uma avaliação anteriormente enunciada para prefaciá-la uma narrativa, e como, por meio de uma avaliação, estabelece a finalização da história, convidando uma das interlocutoras a reassumir a posição de participante da interação. Vimos como Tereza sinaliza a coerência tópica de uma segunda e de uma terceira história, tanto para abrir como para fechar suas histórias. São esses procedimentos, entre outros, todos bastante complexos e sutis, que as narradoras manipulam com sucesso na interação, nos momentos de mudanças de *footings* vinculadas às mudanças do enquadre de conversa para o de narração e vice-versa.

Gostaríamos de ressaltar que as narrativas analisadas não foram provocadas por perguntas, como as tradicionalmente analisadas nos estudos da área. Aqui, as narradoras não responderam a perguntas sobre suas vidas, ou sobre perigo de vida (como na tradição laboviana), mas, sim, conquistaram seu espaço narrativo. Sobre essa conquista, em termos muito gerais, podemos dizer que as três narrativas examinadas apresentam uma variação em relação à sequência de abertura descrita por Jefferson (1978) (ver seção 3 acima), segundo a qual o narrador emite um prefácio no primeiro turno, no segundo o interlocutor se alinha como ouvinte e no terceiro turno, o narrador conta sua história. Nas narrativas analisadas, temos que, *em um mesmo turno de fala*, as ações assim se seguem: (1) o falante faz uma declaração, (2) emite uma expressão disjuntiva e (3) narra sua história. As declarações iniciais acima (de 1) foram, respectivamente, uma repetição/

concordância de fala anterior, uma glosa de fala anterior e uma síntese do tópico da interação em andamento. Na finalização das histórias, ocorreram codas avaliativas e sinalizações de coerência tópica.

A participação da pesquisadora, como já observamos, foi de cooperação com os outros participantes. Da mesma forma que as interlocutoras de histórias em geral, a pesquisadora mostrou interesse pelo tópico desenvolvido, fez perguntas de esclarecimento e checkou a propriedade de suas interpretações. O que pode diferenciar esse tipo de comportamento daquele que ocorreu na interação com mulheres afásicas é certamente a forte recorrência de tais ações no curso da interação. Seria interessante poder observar, em outras pesquisas, com outros narradores com afasia, como se configuram tanto as sequências de abertura de história por afásicos quanto as contribuições de falantes não afásicos.

A perspectiva interacional nos permitiu examinar algumas dinâmicas e técnicas de inicialização e finalização da narração de histórias, em interações com mulheres com afasia, que, acreditamos, podem contribuir para aprofundar o conhecimento da afasia. Aos estudos voltados para a estrutura da narrativa, salientamos os recursos sutis e complexos de que as narradoras com afasia se utilizam para conquistar, manter e fechar o espaço narrativo.

Por fim, gostaríamos de acrescentar que, embora não tenha sido foco de nossa análise, pudemos também observar que, ao se instaurarem como narradoras, essas pessoas afásicas se constroem como mães, esposas e mulheres; exibem crenças e valores morais; falam de vaidades (fazer escova no cabelo), integridade moral (afastar filhos do pai bandido), orgulho e alegria por serem amadas por seus filhos. Acreditamos, assim, que nossas observações podem ser de interesse para os estudos de afasia, discurso e narrativa, também no sentido de que contribuem para conhecer melhor o que acontece quando pessoas com afasia contam histórias.

Referências

- BAKHTIN, M. 1997. *Estética da Criação Verbal*. 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 415 p.
- BASTOS, L.C. 2005. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*, 3(2):74-87.
- BRANDÃO, F.M.; PINTO, R.C.N. 2008. O gênero narrativo nas afasias fluentes: um estudo de caso. *Língua, Literatura e Ensino*, 3:69-78.
- COUDRY, M.I.H. 2002. *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*. 3ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 210 p.
- COUDRY, M.I.H. 2008. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. *Estudos da Linguagem*, 6(2):07-36.
- GAVRUSEVA, L. 1995. Positioning and Framing: constructing interactional asymmetry in employer-employee discourse. *Discourse Processes*, 20:325-345. <http://dx.doi.org/10.1080/01638539509544944>
- GOFFMAN, E. 1974. *Frame Analysis*. New York, Harper & Row, 586 p.
- GOFFMAN, E. 2002 [1979]. Footing. In: B.T. RIBEIRO; P.M. GARCEZ (Org), *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, Edições Loyola, p. 107-148.
- GONZALEZ, P.C. 2005. *Reparo em terceira posição na fala-em-interação entre falantes com e sem afasia de expressão*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 98 p.
- GOODGLASS, H.; CHRISTIANSEN, J.A.; GALLAGHER, R. 1993. Comparison of morphology and syntax in free narrative and structured tests: Fluent vs. nonfluent aphasic. *Cortex: A Journal Devoted to the Study of the Nervous System and Behavior*, 29(3):377-407.
- JEFFERSON, G. 1978. Sequential Aspects of storytelling in Conversation. In: J. SCHENKEIN (ed), *Studies in the Organization of Conversational Interaction*. New York, Academic Press, p. 219-248.
- LABOV, W. 1972. The transformation of experience in narrative syntax. In: W. LABOV (ed), *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Philadelphia Press, p. 354-396.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. 1997 [1967]. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. *Journal of narrative and life history*, 7:03-39.
- LODER, L.L.; GONZALEZ, P.C.; GARCEZ, P.M. 2002. Reparo em terceira posição e intersubjetividade na fala-em-interação em português brasileiro. *Revista Veredas*, 6(2):115-122.
- MISHLER, E.G. 1986. *Research Interviewing. Context and narrative*. Cambridge, Harvard University Press, 191 p.
- MORATO, E.M. 2010. *A semiologia das afasias – perspectivas linguísticas*. São Paulo, Cortez, 280 p.
- MORGAN, D.L. 2002. Focus group interviewing. In: J. GUBRIUM; J. HOLSTEIN (eds), *Handbook of Interview Research: Context and Method*. London, Sage, p. 141-160.
- NORRICK, N. 1998. Retelling stories in spontaneous conversation. *Discourse process*, 25(1):75-97. <http://dx.doi.org/10.1080/01638539809545021>
- OCHS, E.; CAPPS, L. 2001. *Living Narrative: Creating Lives in Everyday Storytelling*. Harvard, Harvard University Press, 352 p.
- PACHECO, M.C.; PINTO, R.C.N. 2010. Aspectos Discursivos da Narrativa de um Sujeito Afásico Fluente. *Estudos Linguísticos*, 39(2):568-577.
- POMERANTZ, A. 1984. Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/dispreferred turn shapes. In: J.M. AKTINSON; J. HERITAGE (eds), *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 57-101.
- RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. 2002. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, Edições Loyola, 271 p.
- RIBEIRO, B.T.; HOYLE, S.M. 2002. Frame Analysis. In: M.G.D. PEREIRA (org), *Interação e Discurso: Estudos na Perspectiva da Sociolinguística Interacional/áreas de interface*. Palavra, 8:36-53.
- RIESSMAN, C.K. 1993. *Narrative Analysis*. Newbury Park, Sage, 80 p.
- RIESSMAN, C.K. 2008. *Narrative Methods for the Human Sciences*. Thousand Oaks, Sage Publication, 251 p.
- SACKS, H. 1992 [1968]. *Lectures on conversation*. Oxford, Basil Blackwell, 580 p.
- TANNEN, D. 2005 [1984]. Narrative Strategies. In: D. TANNEN (ed.), *Conversational Style: analyzing talk among friends*. New York, Oxford University Press, p. 123-162.
- TANNEN, D.; WALLAT, C. 2002 [1987]. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: Exemplos de um exame/consulta médica. In: B.T. RIBEIRO; P.M. GARCEZ (eds) *Sociolinguística Interacional*, São Paulo, Edições Loyola, p. 183-214.
- ULATOWSKA, H.K.; FREDMAN-STERN, R.; DOYEL, A.W.; MACALUSO-HAYNES, S. 1983. Production of narrative discourse in aphasia. *Brain and Language*, 19(2):317-334. [http://dx.doi.org/10.1016/0093-934X\(83\)90074-3](http://dx.doi.org/10.1016/0093-934X(83)90074-3)

Submissão: 21/05/2012
Aceite: 31/07/2012

Liliana Cabral Bastos

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, C.P.: 38097
22451-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Lívia Miranda de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, C.P.: 38097
22451-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Anexo 1

Convenções de Transcrição

[colchetes]	fala sobreposta
(.)	micropausa
=	contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos
.	descida de entonação
?	subida de entonação
,	entonação contínua
:	alongamento de som
-	autointerrupção
<u>Sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume
MAIÚSCULA	ênfase acentuada
(())	comentários do analista
(palavras)	transcrição duvidosa
()	transcrição impossível
...	pausa não medida
“palavra”	fala reportada, reconstrução de um diálogo

Anexo 2

Transcrição: Conversa sobre filhos

Participantes: Laura, Lívia e Tereza

01	Laura:	oh, meus filhos, o roberto (.) é: (.) junior (.)
02		trabalha (.) três anos. (.) trabalha. ... começou é
03		é: treze anos.
04	Lívia:	novi::[nho, né?]
05	Laura:	[hunrum::]hunrum e:: <u>tudo</u> é:: – eu não compro
06		nada nada, o:: – eu chamo de beto. (.) o beto
07		compra <u>tudo</u> (.) e:: e:: também (.) irmã dela – irmã
08		do:: é:: ... minha filha <u>também</u> ajuda é:: em
09		casa né? o:: be-to também ajuda a luana.
10	Lívia:	(que bom isso.)
11	Tereza:	não puxou nada do pai.
12	Lívia:	é.
→ 13	Laura:	<u>pu</u> xou <u>nada</u> . oh semana que vem – oh: semana passada,
14		o: meu filho é:: – levou a bicicleta dele. ladrão.
15		do meu filho. o:: – as pessoas falou “você (.)
16		não reagiu?” reagiu não. o beto falou assim oh
17		“ <u>bandido</u> . (.) eu <u>nunca</u> é:: ... de bandido, reagir?
18		<u>nunca</u> .” o: o: meu filho falou assim oh (.) “pai
19		é::” – “filho. filho, né? o devanildo e o celsinho.”
→ 20		e o:: roberto, pai dele, não considera. um bandido.

21	Lívia:	hunrum:: não considera ele como pai?
22	Laura:	não. é:: não. é:: não assim: ... não lem::bra do
23		pai.=
24	Lívia:	= ah, ele não lembra do pai? =
→ 25	Laura:	=não. o:: o:: rober – “ <u>você</u> filho de bandido, roubou
26		a bicicleta,”
27	Lívia:	leva[RAM a bicicleta] do seu filho?
28	Laura:	[hanram. hanram.] é:: falou assim o::(.) ()
29		falou assim oh “ ir atrás. você filho de:
30		BAN– é:: (.) traficante. =
31	Lívia:	= falaram isso com ele?
32	Laura:	hunrum. hunrum.
33	Lívia:	coitado né? ele fica pagando pelo pai.
34	Laura:	hunrum.
35	Lívia:	e ele falou o quê?
36	Laura:	“não. eu não considero.”
37	Lívia:	<u>olha</u> . não considera como [pai?]
38	Laura:	[não.](.) falou assim oh
39	Lívia:	()
40	Laura:	falou assim oh “eu é:: melhor eu roub – é:: sendo
41		<u>vítima</u> , que:: eu desgosto a mãe, porque eu
42		rouban::do.”
43	Lívia:	<u>a::</u> com certeza. ele tem uma cabeça boa, “melhor eu
44		ser vítima e ser roubado do que eu dar um desgosto
45		à minha mãe.” né? =
→ 46	Laura:	= oh:: oitocentos reais, é:: (.) vale a bicicleta
47		dele. o:: o:: cara, trocou, na boca de fu::mo,
→ 48		cinquenta reais. safado né?
49	Lívia:	você ficou sabendo? [()]
50	Laura:	[hunrum.(.)] meus irmã::os, e::
51		meus primos, atrás do cara. não conseguiu é::
52		recuperar não. o be::to [o] =
53	Lívia:	[()]
54	Laura:	= o beto assim, meu filho, é:: triste pra caramba.
55	Lívia:	ele é triste por causa do pai?
56	Laura:	<u>não</u> . é:: roubou =
57	Lívia:	= por causa da bicicleta?
58	Laura:	((movimenta a cabeça para cima e para baixo
59		sinalizando afirmação))
60	Lívia:	a:: é::.
→ 61	Tereza:	ela tá falan- ela ta falando que vendeu a
62		bicicleta dele, por cinquenta reais, e o valor dela
63		era de oitocentos, é:: a minha irmã mora lá no
64		(). o meu cunhado, às vezes ele fala assim, “é:
65		lá perto de casa, passa um pessoal vendendo, <u>olha</u>
66		só o chinelo que eu comprei, por <u>tanto</u> .este chinelo
67		caro. muito caro.” aí eu peguei e falei assim,
68		“você não deve de comprar, (.) porque você não sabe
69		se é – você sabe que é ca:ro (.) é:: e a pessoa tá
70		vendendo por este preço, é porque <u>provavelmente</u>
→ 71		roubou.” olha aí a bicicleta.
→ 72	Laura:	= nossa, meu filho, é: é: triste pra caramba, meu
73		filho [()]
74	Lívia:	[ele tinha acabado de ganhar?

- 75 Laura: não. comprou. ()
- 76 Lívia: [()]
- 77 Laura: [oh: o:: be::to, é:: às vezes,] me ajuda, com
- 78 remédio, fi-si-o-te-ra-pi::a, o beto pagava todo
- 79 dia é:: (.) – o beto é:: (.) hospita::l, deixava
- 80 fruta, é:: doces, bombom, =
- 81 Lívia: = que filho excelente, né? =
- 82 Laura: = hanram. ((movimenta a cabeça para cima e para
- 83 baixo sinalizando concordância))
- 84 Lívia: é um presente ter um filho assim. =
- 85 Laura: = e o beto não me falou nada, com medo de pa – é:
- 86 eu, passar mal.
- 87 Lívia: ()
- 88 Laura: hanram.
- 89 Lívia: isso é pra poucas mães, tá vendo? cada uma – às
- 90 vezes – você foi presenteada, né? [com seu] filho,
- 91 Laura: [hanram.]
- 92 Lívia: tem filho, tem filho, que não tá nem aí pra [mãe.]
- 93 Laura: [a::]
- 94 luana também. nossa, e como.
- 95 Lívia: quantos anos ele e ela?
- 96 Laura: a:: luana quinze, e dezesseis o beto. beto, eu
- 97 prefiro assim, beto. porque:: roberto =
- 98 Lívia: = lembra o:: (.) o pai =
- 99 Laura: = hanram. o beto também é:: falou assim oh,
- 100 “melhor é:: beto.”
- 101 Lívia: ((sorri)) ()
- 102 Tereza: aqui:: é:: o:: ela tá falando do filho dela, ontem,
- 103 meu filho chegou em casa, eu tava: é:: pent –
- 104 escovando meu cabe::lo, (.) a minha filha tinha
- 105 pintado pra mim. =
- 106 Lívia: = eu vi:: ficou bonito. =
- 107 Tereza: = aí eu tava escovan:do, aí – arrumando meu
- 108 cabelo, aí quando eu entrei no quarto, troquei de
- 109 roupa, arrumei, aí meu filho chegou e tava só
- 110 olhando pra mim. isso era umas nove horas. ele, “ô
- 111 mãe, por que você tá arrumando assim?” ele. “eu vou
- 112 sa-“ eu falei pra ele “eu vou sair.” ele, “você vai
- 113 sair com quem?
- 114 Lívia: olha.
- 115 Tereza: aí:: porque o pai dele tava trabalhando. (.) ele,
- 116 “com quem você vai sair mãe? com quem? fala com
- 117 quem você vai sair.”
- 118 Laura: [((sorri))]
- 119 Lívia: [((sorri))]
- 120 Tereza: [((sorri))] aí eu tava contando pro pai dele, mas
- 121 ele riu tanto dele. é porque ele tinha me ligado
- 122 falando “tereza, arruma que eu vou te pegar pra
- 123 gente sair.” falei, “ta bom.” aí tá eu arrumando.
- 124 arrumando cabelo, aí:: tomei banho, e:: troquei
- 125 de roupa. aí ele, “mãe aonde você vai? com quem
- 126 você vai sair mãe? fala.” foi lá na porta e tirou
- 127 a ch – trancou e tirou a chave ((sorri))
- 128 Lívia: ((sorri))
- 129 Tereza: ((sorri)) eu ri dele.